

# AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO RECENTE DO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO (2012-2022): UMA PROPOSTA DE ANÁLISE<sup>1</sup>

Lauro Ramos<sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar o comportamento recente do mercado de trabalho brasileiro, com destaque para a análise do impacto da pandemia de covid-19 sobre seu desempenho. Para tanto, nos valeremos de uma proposta metodológica de avaliação conjunta da evolução da oferta e da demanda, conforme retratado pelas evoluções das taxas de participação e de ocupação entre 2012 e 2022. Os dados utilizados são aqueles disponibilizados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para essas referidas variáveis do mercado de trabalho.

Após a apresentação do arcabouço metodológico, com base nos chamados *diagramas de fase*, será conduzido um primeiro exercício com base nos dados anuais para o período de 2012, quando a PNAD Contínua foi iniciada, até 2019, último ano não afetado pelo surto pandêmico.<sup>3</sup> A seguir, a análise se baseará em dados trimestrais de forma a melhor captar a temporalidade do impacto da pandemia, bem como permitir a inclusão do ano de 2022. Em desdobramentos posteriores, procuraremos estender essa última avaliação para diferentes recortes da força de trabalho, procurando contrastar o comportamento de diferentes segmentos (segundo a posição no domicílio, por exemplo). Por fim, são tecidas algumas considerações conclusivas.

## 2 METODOLOGIA

Para levar a cabo esta tarefa aqui proposta, usaremos um método que permite conjugar movimentos nem sempre harmônicos da oferta (força de trabalho, taxa de participação etc.) e da demanda por trabalho (nível da ocupação, geração líquida de postos de trabalho etc.). Para facilitar a compreensão dessa relação, é interessante visualizar sua evolução dentro de um diagrama de simples visualização e compreensão. Para sua construção, duas abstrações são úteis:

- admitir a existência de uma taxa de ocupação natural, ou costumeira, que sirva como referência para avaliar se o mercado de trabalho está tendo um bom desempenho sob esse prisma ou não; e

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bmt76/nt3>

2. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Disoc/Ipea). E-mail: lauro.ramos@ipea.gov.br.

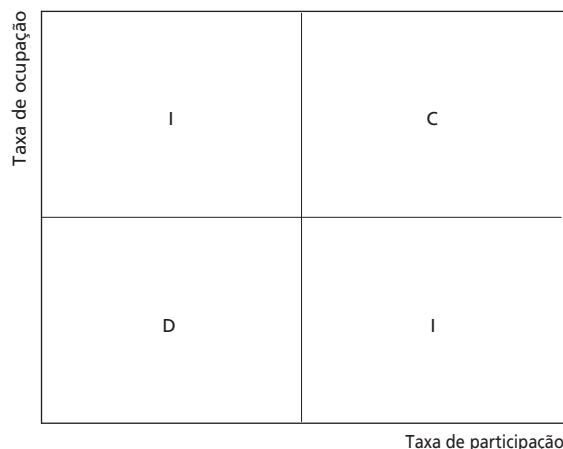
3. Para uma análise mais detalhada dos impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho e na sociedade brasileira em geral, ver Ipea (2021) e Silva, Corseuil e Costa (2022).

- pressupor a existência de uma taxa de participação usual, ou tradicional, de tal forma que patamares superiores a ela impliquem uma pressão acima do normal sobre o mercado de trabalho em termos de geração de emprego, enquanto que o contrário se observa para taxas inferiores a essa referência.

Isto feito, é possível construir o diagrama de fases, mostrado na figura 1, grafando a taxa de ocupação no eixo vertical e a taxa de participação no eixo horizontal, ambos com centro nas taxas de referência mencionadas. Dessa maneira, são formados quatro quadrantes, que representam diferentes estágios – ou desempenhos – do mercado de trabalho, conforme a seguir descritos.

- 1) No primeiro quadrante (acima e à direita) é possível afirmar que o mercado está em uma situação *confortável*, pois está mostrando um bom desempenho (a taxa de ocupação é superior à usual), ainda que com uma pressão da oferta acima do normal (a taxa de participação é a maior do que a costumeira). Isso indica que ele está criando empregos em quantidade mais do que suficiente para absorver a pressão elevada da oferta, o que revela o dinamismo da demanda.
- 2) No terceiro quadrante ocorre o contrário (abaixo e à esquerda), o mercado de trabalho está em uma situação *desconfortável*, uma vez que seu desempenho está aquém do desejável (a taxa de ocupação é baixa), mesmo sob pressão da oferta abaixo da usual (a taxa de participação é baixa). Tal condição reflete uma capacidade de geração de empregos bastante limitada.
- 3) No segundo e no quarto quadrantes o diagnóstico é incerto, pois ou o mercado está tendo uma *performance* inferior à almejada, mas está sob pressão anormalmente elevada (quarto quadrante – abaixo e à direita), ou está tendo um desempenho acima do habitual, mas em condições do lado da oferta mais favoráveis do que o normal (segundo quadrante – acima e à esquerda).

FIGURA 1  
Estágios do mercado de trabalho



Elaboração do autor.

Vale destacar que, apesar da ideia de taxas de ocupação e participação normais, ou de referência, ser útil para a concepção e construção do diagrama, ela não é essencial, sequer necessária, para a interpretação dos movimentos. De modo geral, transições na direção norte e leste (NE) serão bem-vindas, enquanto na direção sul e oeste (SO) deverão ser objeto de preocupação, na medida em que encerram, respectivamente, movimentos na direção das regiões de conforto e desconforto, estejam elas onde estiverem.

### 3 O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO PELA PNAD CONTÍNUA

#### 3.1 O período anterior à pandemia

A tabela 1 mostra as taxas de participação e ocupação anuais da força de trabalho no Brasil para o período 2012-2019, que correspondem ao primeiro ano coberto pela PNAD Contínua e ao último antes da chegada da pandemia.

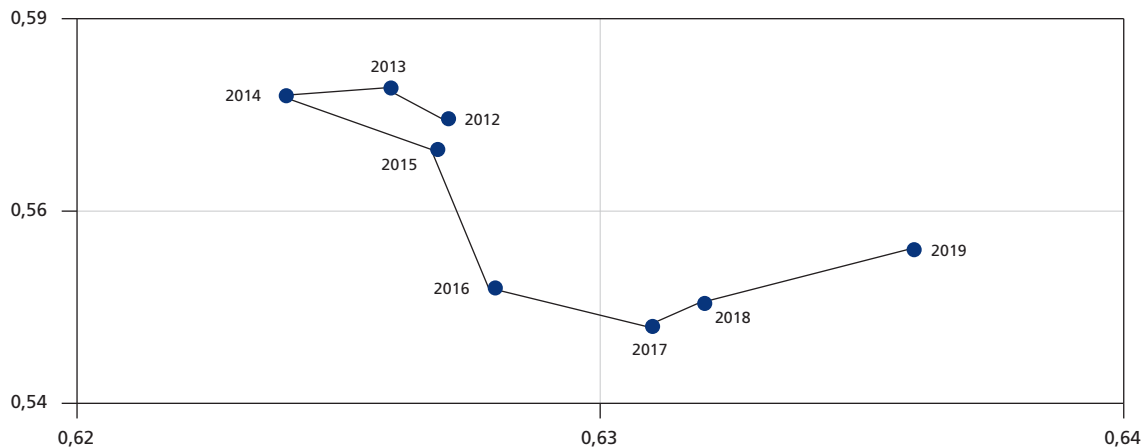
TABELA 1  
**Taxas anuais de participação e ocupação da força de trabalho no Brasil (3º trim. 2012-3º trim. 2019)**  
 (Em %)

Ano (3º trim.)	Taxa de participação	Taxa de ocupação
2012	62,7	57,7
2013	62,6	58,1
2014	62,4	58,0
2015	62,7	57,3
2016	62,8	55,5
2017	63,1	55,0
2018	63,2	55,3
2019	63,6	56,0

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
 Elaboração do autor.

Na sequência, o diagrama traçado procura sumariar os movimentos na oferta e demanda por trabalho neste período. Na primeira metade da década, as transições anuais não permitem identificar um padrão claro, mas a comparação entre 2012 e 2015 indica uma leve deterioração. Por sua vez, de 2017 em diante, com a observação de concomitante aquecimento da oferta e da demanda em relação ao período anterior, fica evidente a recuperação relativa do mercado de trabalho, que foi capaz de gerar empregos em quantidade suficiente para satisfazer o aumento da taxa de participação, e ainda aumentar a taxa de ocupação.

GRÁFICO 1  
**Desempenho do mercado de trabalho no período pré-pandemia (2012-2019)**  
 (Em pontos percentuais)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.

Elaboração do autor.

### 3.2 O período após o início da pandemia

Para analisar o período mais recente e investigar a reação do mercado às medidas de enfrentamento da pandemia lançaremos mão dos dados relativos aos terceiros trimestres de cada ano. Isso por dois motivos: em 2020, o primeiro trimestre engloba um período de normalidade, enquanto o segundo encerra um período de reação extremada às medidas; ademais, a escolha do terceiro trimestre permite a inclusão dos dados mais recentes da PNAD Contínua para 2022. Além disso, houvemos por bem focar a análise de 2016 em diante, quando o mercado de trabalho iniciava uma fase de recuperação após a crise de 2015. As informações para esse trimestre e esses anos são mostradas na tabela 2, com os dados sobre a população economicamente ativa (PIA)<sup>4</sup> total em cada período e as respectivas taxas de participação<sup>5</sup> e de ocupação<sup>6</sup> no mercado de trabalho brasileiro.

4. Na PNAD Contínua, a PIA compreende o conjunto de todas as pessoas teoricamente aptas a exercer uma atividade econômica, entre 14 e 60 anos.

5. Taxa de participação: soma do total de indivíduos ocupados e desocupados dividido pelo total da PIA.

6. Taxa de ocupação: total de indivíduos ocupados dividido pelo total da PIA.

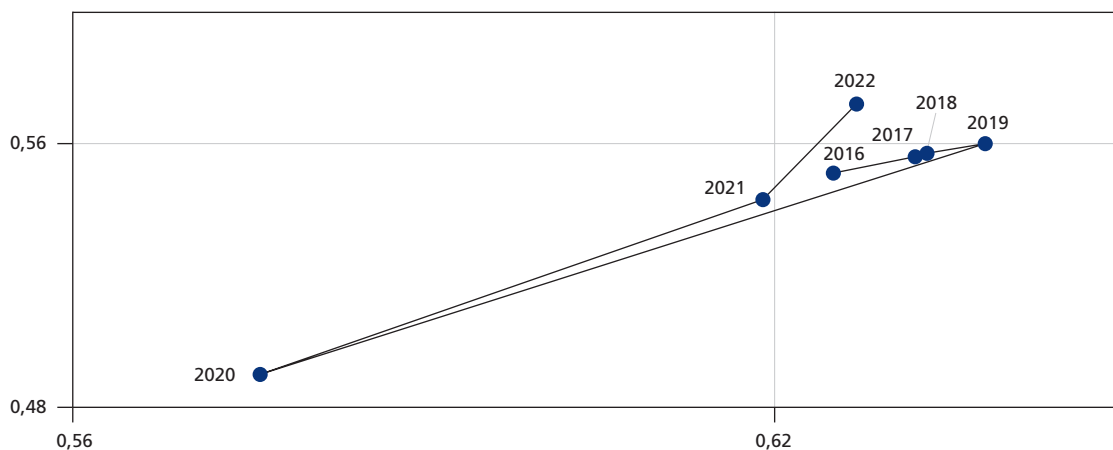
TABELA 2  
Taxas de participação e ocupação no período recente (3º trim. 2016-3º trim. 2022)

Ano (3º trim.)	PIA	Taxa de participação (%)	Taxa de ocupação (%)
2016	163.128.155	62,5	55,1
2017	165.007.382	63,2	55,6
2018	166.800.657	63,3	55,7
2019	168.565.206	63,8	56,0
2020	170.270.494	57,6	49,0
2021	171.885.989	61,9	54,3
2022	173.457.493	62,7	57,2

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

O diagrama do gráfico 2 corrobora a trajetória de recuperação do mercado de trabalho entre 2016 e 2019, conforme observado no gráfico 1. No período, as taxas de participação e ocupação cresceram cerca de 1 ponto percentual (p.p.), indicando melhora no desempenho analisado.

GRÁFICO 2  
Desempenho do mercado de trabalho no Brasil no período recente (2016-2022)  
(Em p.p.)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

O surgimento da pandemia, e a conseqüente adoção de medidas restritivas, teve impacto profundo no funcionamento do mercado de trabalho brasileiro: o terceiro trimestre de 2020 mostrou redução de 6 p.p. na taxa de participação e 7 p.p. na taxa de ocupação em relação ao mesmo período de 2019. Com o progressivo relaxamento daquelas medidas, as pessoas começaram a retornar para a força de trabalho e, de forma até certo ponto surpreendente, os postos de trabalho foram não só reativados, como também novos foram criados. Desse modo,

em 2021 boa parte dos danos havia sido reparada e a normalidade, tendo como referência o período pré-pandêmico, já estava no horizonte.

Os resultados para o terceiro trimestre de 2022, todavia, trouxeram notícias ainda mais auspiciosas: o mercado de trabalho voltou ao estado de antes da pandemia. Conforme pode ser visualizado no diagrama (gráfico 2). A situação já se mostra superior àquela de 2016, e muito similar à de 2019.

## 4 DESAGREGAÇÃO POR CARACTERÍSTICAS POPULACIONAIS DE INTERESSE

Ao longo desta seção iremos examinar mais atentamente como as medidas de enfrentamento da pandemia impactaram sobre diferentes grupos socioeconômicos no Brasil, bem como o seu processo de recuperação depois do ápice da crise. Para tanto, privilegiamos, como no final da seção anterior, o período de 2016 em diante, por meio dos dados relativos aos terceiros trimestres de cada ano.

### 4.1 Desagregação segundo a posição no domicílio

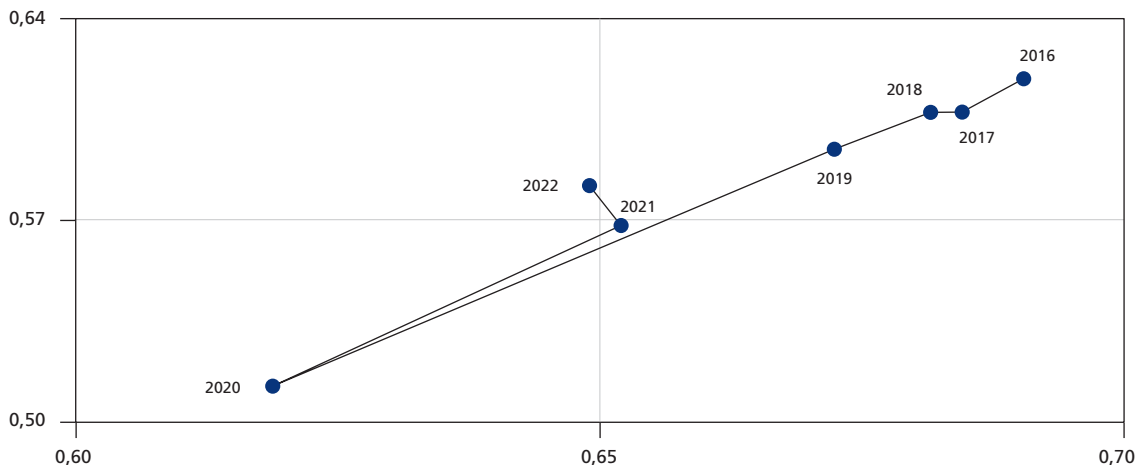
Ao concentrar a análise da evolução do desempenho do mercado de trabalho brasileiro segundo o recorte por posição no domicílio, em termos de chefes *versus* não chefes, ou trabalhadores secundários, é possível verificar a possível ocorrência de dinâmicas distintas para os dois grupos que, ao menos em tese, possuem diferentes tipos de engajamento no mercado de trabalho.

De fato, nos diagramas (gráfico 2) é possível perceber comportamentos dissemelhantes para esses dois contingentes de trabalhadores de 2016 em diante, assim como no período de observância do surto epidêmico no país.

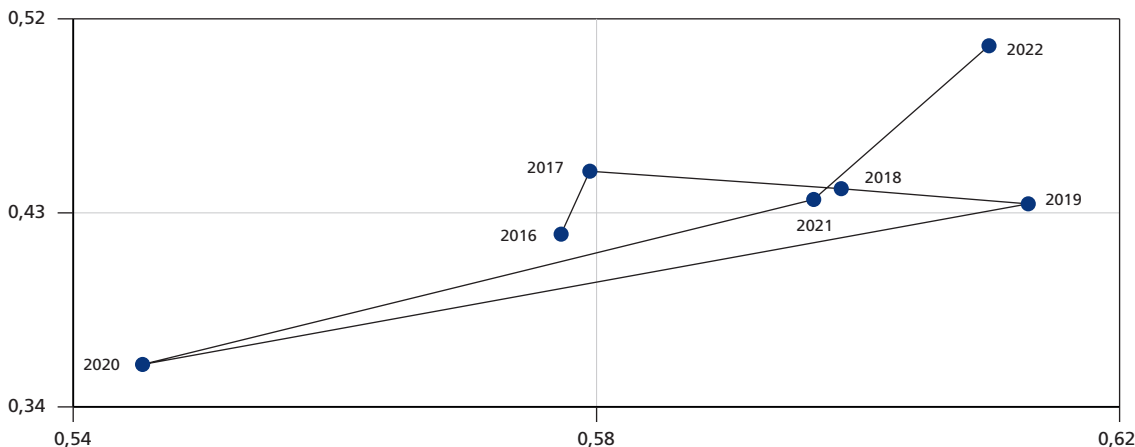
No caso dos chefes de domicílio, mostrado no gráfico 3A, há uma degradação continuada entre 2016 e 2019 que é muito agravada com as medidas de isolamento social em 2020, com sucessivas quedas nas taxas de participação e ocupação. Ocorre uma recuperação no ano seguinte, mas que não se sustenta em 2022. Comparando os anos inicial e o final do período em tela, com a taxa de participação da população em idade ativa caindo quase 4 p.p., e a de ocupação com queda pouco acima de 3 p.p., o que configura uma evidente deterioração da situação laboral desse grupo.

Para os trabalhadores secundários, a dinâmica foi outra. No início do período, entre 2016 e 2017, houve melhora no seu *status*, acompanhada de deteriorações entre 2017 e 2019, mas que não foram fortes o suficiente para reverter o progresso inicial. O agravamento provocado pela conjuntura de 2020 foi rapidamente revertido em 2021, e teve seguimento em 2022. Estes movimentos, quando tomados em conjunto por meio da comparação entre os anos inicial e final, mostram que o grupo de trabalhadores secundários experimentou uma melhora inequívoca no hiato de tempo analisado (a taxa de participação subiu mais de 3 p.p. entre 2016 e 2019, enquanto a de ocupação cresceu quase 9 p.p.).

GRÁFICO 3  
**Comportamento do mercado de trabalho por posição no domicílio – Brasil (2016-2022)**  
 (Em p.p.)  
 3A – Chefes de domicílio



3B – Não chefes de domicílio



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
 Elaboração do autor.

Em suma, os dois grupos já vinham apresentando trajetórias laborais opostas antes da pandemia. Com o advento da adoção da estratégia de isolamento social, ambos foram duramente afetados e perderam espaço no mercado de trabalho. Com a retomada propiciada pela paulatina volta à normalidade, houve de início uma forte recuperação e, mais recentemente, uma aparente volta ao padrão anterior. A tabela 3 sintetiza esses dados.

TABELA 3

**Taxas de participação e ocupação por posição no domicílio – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**  
(Em %)

Ano (3º trimestre)	Chefes de domicílio		Não chefes	
	Taxa de participação	Taxa de ocupação	Taxa de participação	Taxa de ocupação
2016	69,1	61,9	57,7	42,0
2017	68,5	60,8	58,0	44,9
2018	68,2	60,7	59,9	44,1
2019	67,2	59,5	61,3	43,4
2020	61,9	51,2	54,5	36,0
2021	65,2	56,8	59,7	43,6
2022	64,9	58,2	61,0	50,7

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.

Elaboração do autor.

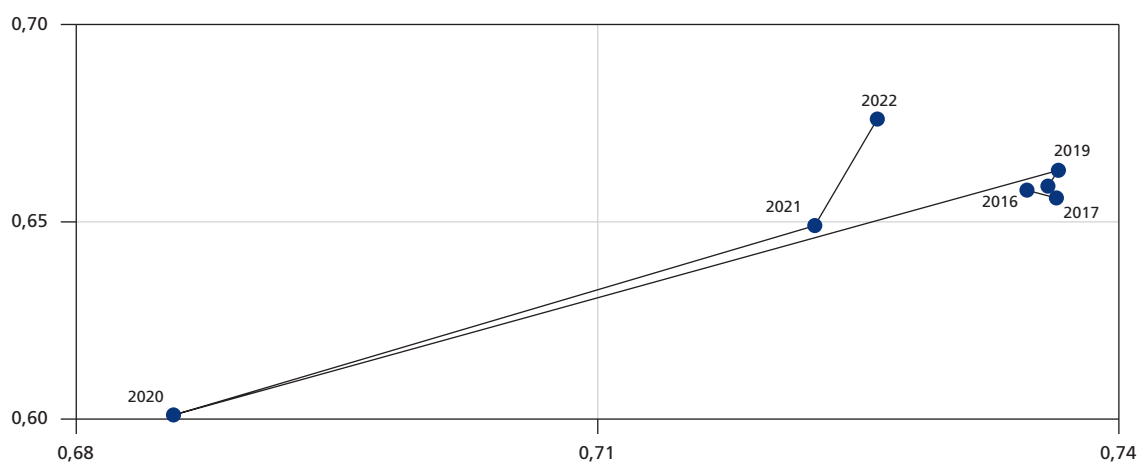
#### 4.2 Desagregação por gênero

Ao contrapor as trajetórias de homens e mulheres no mercado de trabalho, segundo essa ótica, não são encontrados contrastes flagrantes quanto no recorte anterior, conforme pode ser visualizado nos diagramas (gráfico 4).

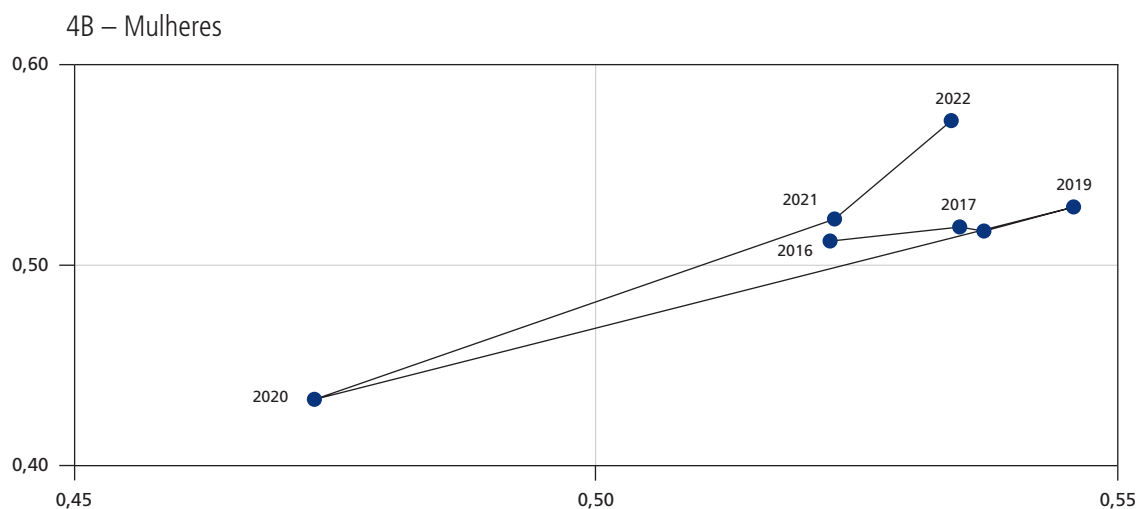
GRÁFICO 4

**Comportamento do mercado de trabalho por gênero – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**  
(Em p.p.)

4A – Homens







Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

Os dois grupos demonstraram evoluções similares, particularmente após a eclosão do flagelo da covid-19. De qualquer maneira, ainda que o ajuste em 2020 tenha sido grande para os dois contingentes, ele ainda foi mais drástico para as mulheres, que encolheram sua participação em cerca de 7 p.p., contra 5 p.p. para os homens, e tiveram sua taxa de ocupação reduzida em mais de 9 p.p., comparado a algo em torno de 6 p.p. para os homens.

Por sua vez, as mulheres também experimentaram uma recuperação mais rápida e intensa que os homens, de modo que, no último ano da série, os dois grupos apresentavam dados parecidos em relação ao período imediatamente anterior à crise, com taxas de participação ligeiramente inferiores a 2019 e ganhos palpáveis nas taxas de ocupação.

Quando se considera o período analisado como um todo, os homens apresentam ganhos na ocupação e perdas na participação, o que impede um diagnóstico mais preciso de perdas ou ganhos. Não é o caso das mulheres, que experimentaram uma melhora na sua inserção no mercado de trabalho sob esse prisma, com ganhos expressivos tanto em termos da taxa de participação quanto da taxa de ocupação. Vale destacar ainda o encolhimento na diferença das taxas de participação entre os dois grupos, que era de 14,8 p.p. em 2016, em favor dos homens, e recuou para 10,4 p.p. em 2022, conforme demonstra a tabela 4.

TABELA 4

**Taxas de participação e ocupação por gênero – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**

(Em %)

Ano (3º trim.)	Homens		Mulheres	
	Taxa de participação	Taxa de ocupação	Taxa de participação	Taxa de ocupação
2016	73,4	65,8	52,2	51,2
2017	73,6	65,6	53,4	51,9
2018	73,5	65,9	53,7	51,7
2019	73,6	66,3	54,5	52,9
2020	68,5	60,1	47,3	43,3
2021	72,2	64,9	52,3	52,3
2022	72,6	67,6	53,4	57,2

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

**4.3 Desagregação por regiões metropolitanas e não metropolitanas**

Focaremos agora a comparação das dinâmicas do mercado de trabalho metropolitano e não metropolitano. Para tanto, consideraremos o conjunto das doze regiões metropolitanas (RMs) da PNAD Contínua, quais sejam: Curitiba e Porto Alegre na região Sul; São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Vitória no Sudeste; Salvador, Recife e Fortaleza no Nordeste; Belém e Manaus no Norte; e Goiânia na região Centro-Oeste.<sup>7</sup> As respectivas taxas de participação e ocupação são mostradas na tabela 5.

TABELA 5

**Taxas de participação e ocupação por localização – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**

(Em %)

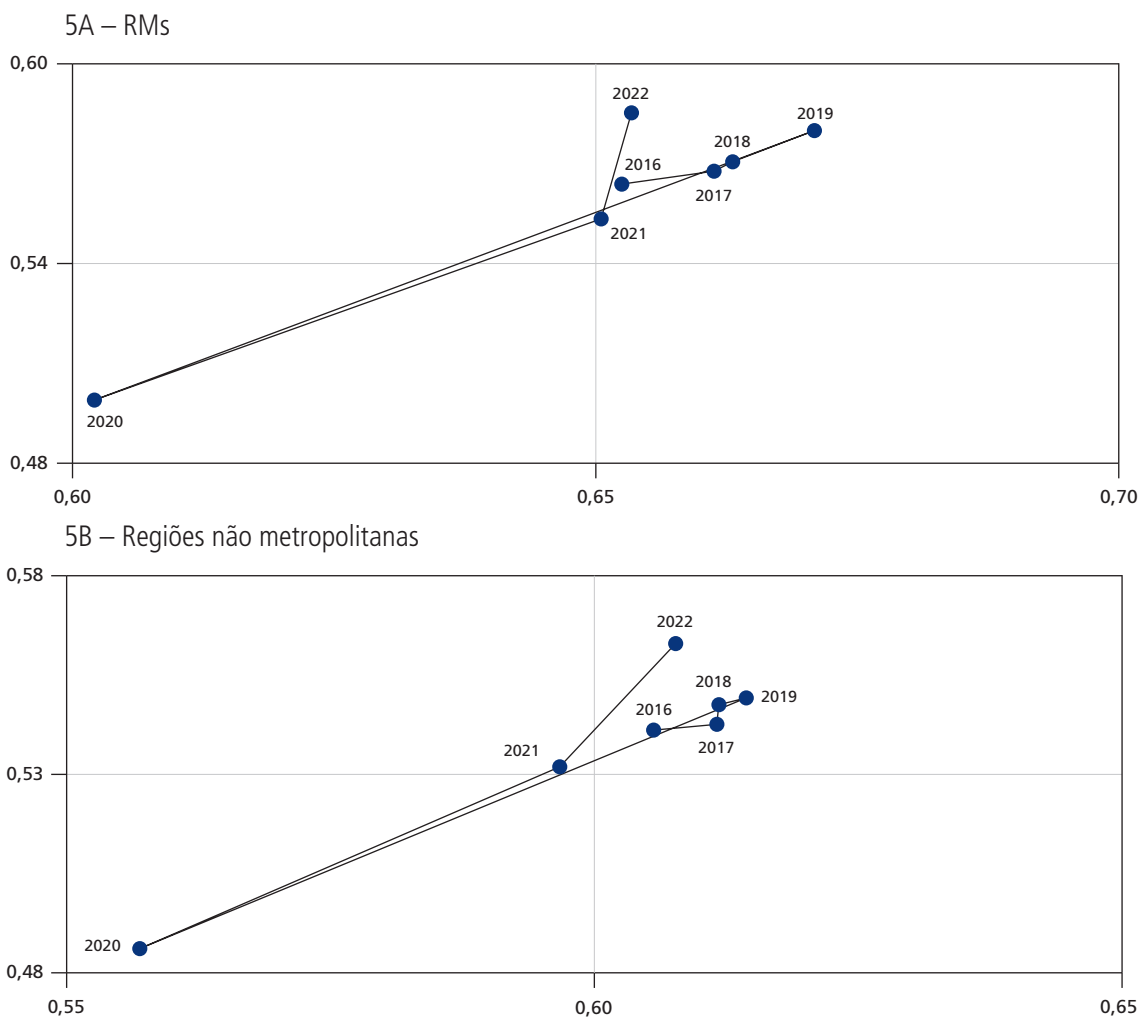
Ano (3º trim.)	Regiões metropolitanas		Regiões não metropolitanas	
	Taxa de participação	Taxa de ocupação	Taxa de participação	Taxa de ocupação
2016	65,3	56,4	60,6	54,1
2017	66,1	56,8	61,2	54,3
2018	66,3	57,1	61,2	54,8
2019	67,1	58,0	61,4	54,9
2020	60,2	49,9	55,7	48,6
2021	65,1	55,3	59,7	53,2
2022	65,3	58,5	60,8	56,3

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

7. Em conjunto essas RMs respondiam, no último trimestre de 2019, por 33,5% da população em idade ativa e 35,7% da força de trabalho no Brasil. Já o contingente de desempregados era basicamente o mesmo nas duas regiões. Todas contavam com uma PIA superior a 1,5 milhão.

A primeira coisa que chama a atenção é que a retração evidenciada em 2020 foi mais intensa nas RMs, que registraram queda de 7 p.p. na taxa de participação e 8 p.p. na taxa de ocupação (contra 5,7 p.p. e 6,3 p.p., respectivamente, nas áreas não metropolitanas). Além dessa diferença no impacto inicial, o ritmo da recuperação também foi mais lento nas RMs, de tal sorte que, como pode ser visto nos diagramas (gráfico 5), a situação em 2022 ainda não se compara à de 2019. Para as áreas não metropolitanas, em que pese a taxa de participação permanecer em um nível pouco menor que o de 2019, a taxa de ocupação já sobrepujou amplamente a daquele ano.

GRÁFICO 5  
**Comportamento do mercado de trabalho por localização – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**  
 (Em p.p.)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
 Elaboração do autor.

#### 4.4 Desagregação por escolaridade

Nesse segmento final voltaremos a atenção para o comportamento recente segundo o recorte por escolaridade dos trabalhadores, centrando a análise nos grupos de menor escolarização (menos que o fundamental completo) *vis-à-vis* aqueles com maior escolarização (os que chegaram ao ensino superior), cujas evoluções das taxas de participação e desemprego são mostradas na tabela 6.

TABELA 6

**Taxas de participação e ocupação por escolaridade – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**  
(Em %)

Ano (3º trim.)	Pouco escolarizados		Muito escolarizados	
	Taxa de participação	Taxa de ocupação	Taxa de participação	Taxa de ocupação
2016	46,2	41,2	80,6	74,2
2017	46,2	40,8	81,2	74,8
2018	45,6	40,4	80,7	74,5
2019	45,2	40,0	81,3	75,1
2020	38,2	32,6	75,9	68,8
2021	41,7	36,7	79,8	73,3
2022	42,4	38,6	80,8	76,7

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

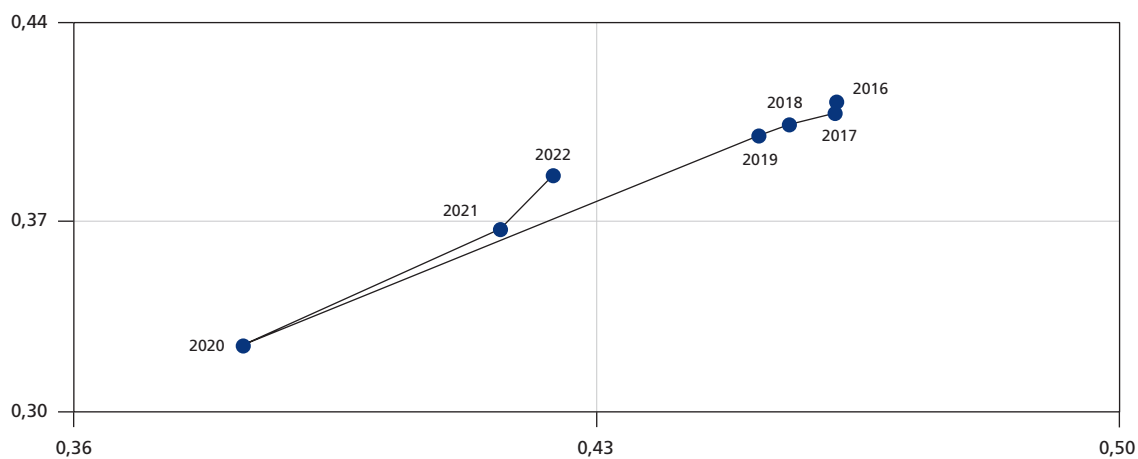
De imediato, é possível perceber que esses grupos têm formas de engajamento no mercado de trabalho bastante distintas: os de menor escolarização possuem taxas participação e ocupação bastante baixas, enquanto os mais escolarizados apresentam taxas mais elevadas. Adicionalmente, os efeitos das medidas de enfrentamento da pandemia foram mais severos para o grupo de menor escolaridade, tanto em termos absolutos quanto, principalmente, em termos relativos, como bem demonstram os estudos organizados em Silva, Corseuil e Costa (2022).

Além disso, os diagramas de fase (gráfico 6) mostram que a recuperação do choque foi muito mais rápida entre os trabalhadores com escolarização mais elevada, a tal ponto que em 2022 aqueles com instrução superior já se encontravam em situação similar àquela vigente nos anos pré-crise. Por sua vez, entre aqueles com menor grau de escolarização a recuperação vem sendo mais lenta, de tal sorte que a sua posição no último ano da série ainda era claramente pior que aquelas observadas nos anos anteriores ao surto, apresentando taxas de participação e ocupação inferiores às registradas no início do período em tela.

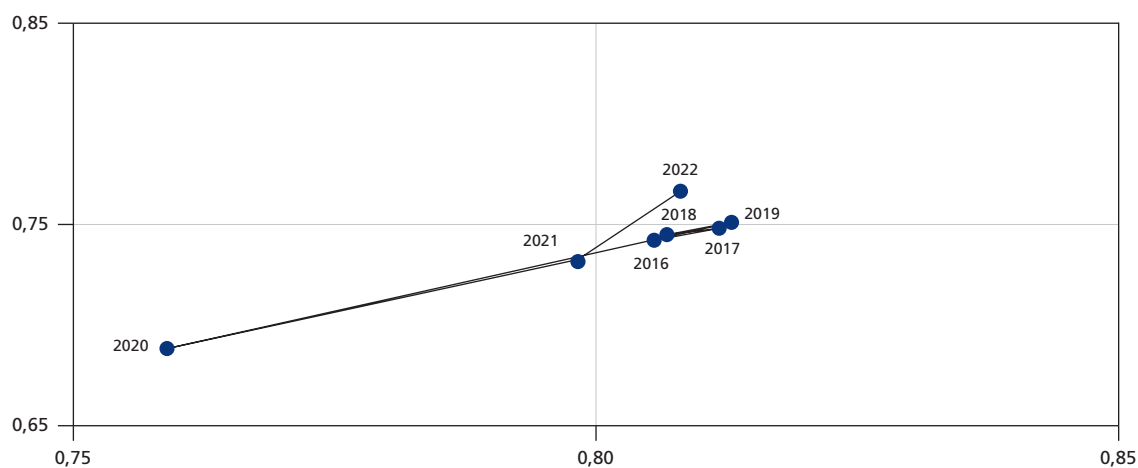
GRÁFICO 6  
Comportamento do mercado de trabalho por escolaridade – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)

(Em p.p.)

6A – Baixa escolarização



6B – Escolarização elevada



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.

Elaboração do autor.

#### 4.5 Desagregação por idade

O foco da análise agora será a evolução recente do mercado de trabalho por faixas etárias, cujas taxas de participação e ocupação são mostradas na tabela 7. Os dois maiores grupos, que são aqueles formados por trabalhadores de 14 a 24 anos, de agora em diante ditos jovens, e por trabalhadores 40 a 59 anos, doravante referidos como de meia idade, foram, em função disso, os escolhidos para efeito de comparação e avaliação de eventuais diferenças em suas dinâmicas.

TABELA 7

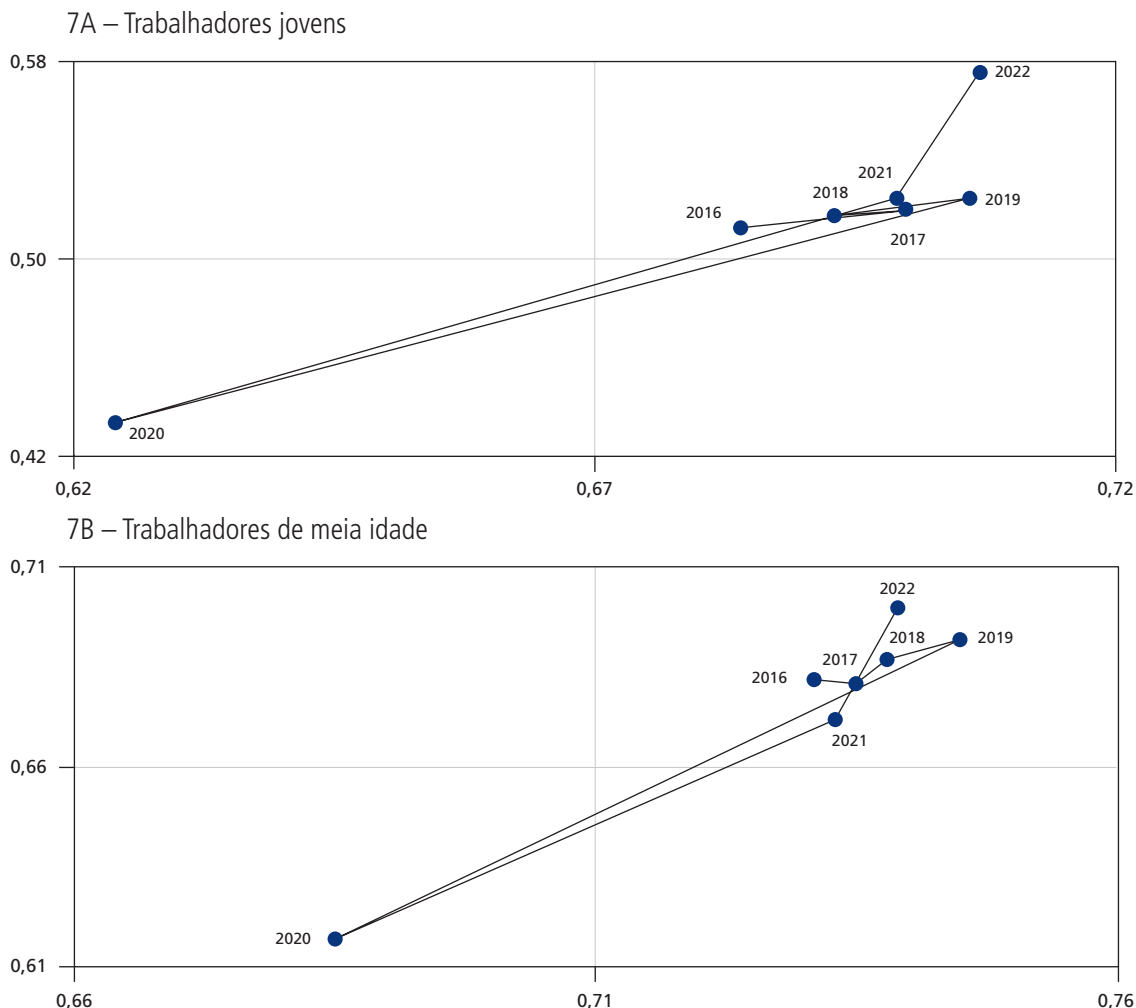
**Taxas de participação e ocupação por idade – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**  
(Em %)

Ano (3º trim.)	Jovens (14 a 24 anos)		Meia idade (40 a 59 anos)	
	Taxa de participação	Taxa de ocupação	Taxa de participação	Taxa de ocupação
2016	68,4	51,2	73,1	68,2
2017	70,0	51,9	73,5	68,1
2018	69,3	51,7	73,8	68,7
2019	70,6	52,9	74,5	69,2
2020	62,4	43,3	68,5	61,7
2021	69,9	51,9	73,3	67,2
2022	70,7	57,5	73,9	70,0

Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
Elaboração do autor.

O gráfico 7 revela que tanto os trabalhadores jovens quanto os de meia idade foram fortemente atingidos pelas medidas de enfrentamento da pandemia, mas ambos também apresentaram recuperação relativamente rápida. Em um primeiro momento, a queda na participação no mercado laboral foi mais acentuada entre os mais jovens, que experimentaram um recuo superior a 8 p.p. em 2020, seguida de recuperação a partir de 2021. A queda entre os trabalhadores de meia idade, embora ainda expressiva, ficou em 6 p.p., um pouco abaixo, portanto. A queda na taxa de ocupação também foi ligeiramente mais alta entre os jovens. Não obstante, a recuperação de 2021 em diante foi mais pronunciada entre eles, de tal sorte que exibiam em 2022 uma situação mais favorável que a que possuíam em 2019, com ganhos tanto na taxa de participação quanto de ocupação, o que se traduz em uma melhora no seu *status*. O mesmo não pode ser afirmado para os trabalhadores de meia idade, para quem foram observados ganhos dignos de nota na participação, mas nem tanto na taxa de participação, mormente em 2022.

GRÁFICO 7  
**Comportamento do mercado de trabalho por idade – Brasil (3º trim. 2016-3º trim. 2022)**  
 (Em p.p.)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Disponível em: <https://bit.ly/3BOCcXY>.  
 Elaboração do autor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto buscamos apresentar uma avaliação do desempenho recente do mercado trabalho, considerando o período 2012-2022, a partir de uma proposta de análise com base na interação entre os indicadores de ocupação e participação da força de trabalho, que denominamos diagrama de fase. Esse exercício analítico foi constituído para distintos recortes da PIA do país.

Em síntese, o gráfico 1, com as taxas anuais para o período 2012-2019, mostra bem a progressiva perda de dinamismo do mercado de trabalho em meados da década passada, que culminou na crise de 2015-2016. Ficou também caracterizada a recuperação de 2017 em diante, mesmo com a taxa de ocupação a reboque da taxa de participação.

O gráfico 2, que utiliza as taxas dos terceiros trimestres de 2016 a 2022, confirma a recuperação nos primeiros anos e ilustra bem a derrocada experimentada pelo mercado com a chegada da pandemia e consequente adoção de medidas de enfrentamento. A boa notícia é que a recuperação foi relativamente rápida com a flexibilização daquelas medidas, de tal sorte que em 2022 o mercado mostrava um vigor semelhante ao observado no período pré-pandemia: nesse último trimestre a situação é qualitativamente superior à de 2016, caminhando no sentido de superar também os outros anos.

Quanto à análise desagregada da seção 4, talvez o fato destacável seja a ausência de um padrão mais evidente. Embora o impacto das medidas de contenção da pandemia tenha sido bastante forte em grupos com uma inserção mais precária no mercado de trabalho, como os jovens e os pouco instruídos, a recuperação que se seguiu foi distinta, com intensidade maior entre os jovens do que para os pouco instruídos. Para os trabalhadores de meia idade e para os mais instruídos, a recuperação não foi tão pujante, mas em 2022 o seu *status* já era bastante similar ao do período anterior ao surto pandêmico.

Para as clivagens por gênero e posição no domicílio, chama atenção o fato de que os dois grupos que vinham ocupando espaço e relevância no mercado de trabalho – as mulheres e os trabalhadores secundários, apesar dos consideráveis retrocessos em 2020 – recuperaram suas trajetórias temporais e rapidamente retornaram ao *status* anterior à pandemia. Por sua vez, os homens e, principalmente, os chefes de domicílio, apresentam percursos e resultados mais claudicantes.

Por fim, para o recorte econômico-geográfico, cumpre realçar as diferenças na intensidade do impacto e no ritmo de recuperação pós-pandemia, sempre em favor das áreas não metropolitanas, que experimentaram dano menor e mais pronto restabelecimento.

## REFERÊNCIAS

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Políticas Sociais: acompanhamento e análise**, Brasília, n. 28, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10796>.

SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H.; COSTA, J. (Org.). **Impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil**. Brasília: Ipea, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11561>.